

A METRÓPOLE E O FUTURO DA GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

THE METROPOLIS AND THE FUTURE OF THE GEOGRAPHY OF RELIGION

*Rodrigo Wolff Apolloni**
*Joachim Andrade***

RESUMO

Neste artigo, os autores examinam o tema da Geografia da Religião a partir do prisma da Sociologia, buscando vislumbrar o futuro das religiões no contexto metropolitano. E fazem isso tomando como referência o filtro teórico de Georg Simmel, autor que coloca as metrópoles como expressão capaz de transformar inclusive a psique individual. Os autores também definem a metrópole como “cenário geográfico total”, que substitui o regime de ciclos geoclimáticos por um regime calcado no capitalismo avançado. Observam o perfil das religiões nesse contexto, buscando localizar seu papel dentro de um panorama civilizatório.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia da Religião, Metrópole, Georg Simmel, Diálogo Religioso.

ABSTRACT

In this article, the authors examine the issue of the Geography of Religion from the sociological perspective and the future of the religions in the metropolitan cities. The authors accompany the theoretical lens of Georg Simmel, who affirms that the metropolis as an expression capable of transforming even the individual psyche. The article defines that the metropolis as “total geographic setting”, which replaces the old system of geo-climatic cycles by a regime trampled under neo-capitalism. They also observe the profile of religion in this context, trying to find its role within a panorama of civilization.

KEYWORDS: *Geography of Religion, Metropolis, Georg Simmel, Inter-religious Dialogue.*

(*) Rodrigo Wolff Apolloni é mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e doutorando em Sociologia pela UFPR. Praticante de arte marcial chinesa desde 1985, é professor de Kung-Fu, Tai-Chi-Chuan e Chi Kung em Curitiba. **E-mail:** rwapolloni@gmail.com

(**) Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. Nascido em Mangalore (Índia), é sacerdote da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. Graduado em História e Literatura Inglesa pela Universidade e Mysore e em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jnana Deepa Vidyapeeth, na Índia. Mestre em Antropologia Social (UFPR, 2003). Atualmente é professor na Faculdade Vicentina de Curitiba e na Faculdade Católica de Uberlândia. Também é coordenador provincial da Congregação do Verbo Divino da Província Sul. **E-mail:** joachimandrade@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Em três de seus trabalhos mais relevantes – “A Filosofia do Dinheiro”, “As Grandes Cidades e a Vida do Espírito” e “O Conceito e a Tragédia da Cultura”¹ -, o sociólogo alemão Georg Simmel desvenda elementos essenciais para o entendimento de nossa espécie na atualidade. Aponta, em um primeiro momento, a relação entre a instalação das modernas cidades (as metrópoles) e a prevalência, nas mesmas, de um regime de trocas – inclusive simbólicas - que tem no dinheiro seu elemento fundamental. Mostra como, nas metrópoles, ganhou velocidade a substituição de uma psique tradicional de corte comunal-institucional por um individualismo sem precedentes, que leva à ultra-especialização profissional e, ao mesmo tempo, torna os indivíduos cada vez mais dependentes de seus semelhantes.

Indica, enfim, que nesse ambiente – que parece ter se convertido, de fato, em “ecossistema humano (pós-moderno) por excelência” – a mente é acelerada ao extremo, determinando condutas cujas características centrais são o individualismo, o pragmatismo, a economia de pensamentos, a reserva e a repulsa diante de outros indivíduos, assim como a elevação do dinheiro à condição de escala suprema de leitura da realidade.

Ao mostrar como a vida na metrópole e a configuração intersubjetiva que aí se estabelece afetam a psique metropolitana – formando, mesmo, um tipo mental próprio, diferenciado do que existia até então² -, Simmel também parece ter fornecido uma chave para a compreensão do afastamento definitivo dos indivíduos em relação à matriz ambiental de suas crenças religiosas. A mesma chave, aliás, parece funcionar para explicar, também, certos movimentos de reavivamento religioso que, ao buscar uma “volta à natureza”, reeditam o “mito do eterno retorno” (tão bem trabalhado por Mircea Eliade)³ a partir de representações e idealizações do passado.

¹ SIMMEL, G., *Philosophie de L'Argent*, 1 ed., Paris: Presses Universitaires de France, 1987, 662 p.; SIMMEL, G., *A Metrópole e a Vida Mental*, in: VELHO, O. (org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1967, p. 13-28. 143 p. Também disponível, em tradução de Leopoldo Waizbort com o título *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 11, n. 2, 2005, p. 577-591; SIMMEL, G., *O Conceito e a Tragédia da Cultura*, in: SOUZA, J. e ÔELZE, B. *Simmel e a modernidade*, Brasília: UnB, 1998, p. 79-108.

² Que o autor denomina “tipo metropolitano de individualidade” (SIMMEL, 1967, p. 14)

³ Ver ELIADE, M., *O Mito do Eterno Retorno*, 1 ed., Lisboa: Edições 70, 1999, 176 p.

Neste artigo, nossa intenção é examinar o papel dos *fatores geográfico-ambientais metropolitanos* na constituição do pensamento religioso na atualidade e vislumbrar algumas questões relativas ao futuro desse pensamento. Perceber, por exemplo, a materialização da metrópole como “cenário geográfico total”, local onde homens e mulheres estão – em princípio – protegidos dos elementos e mais próximos de todas as benesses que os diversos ambientes podem oferecer.

Perceber, também, como isso impacta sobre o pensamento religioso, fortalecendo a oferta religiosa plural, possibilitando um *crossover* de crenças e, muito provavelmente, levando a uma atitude *blasé* em relação a todo esse universo.

Observar, por fim, como as recentes catástrofes ambientais que atingem as cidades (enchentes, terremotos, secas, vulcões e furacões), assim como os problemas das relações entre os indivíduos, parecem desafiar a segurança e o “Deus Metropolitano” - não implicando, porém, em um retorno ao passado, mas em perplexidade e apreensão.

1 A CIDADE COMO “CENÁRIO GEOGRÁFICO TOTAL”

Na Introdução deste trabalho, definimos a cidade – mais especificamente, a metrópole - como “cenário (ou ambiente) geográfico total”, algo que certamente demanda maiores explicações. Para chegar a essa conclusão, fizemos um cruzamento entre as observações sociológicas simmelianas e conceitos por nós formulados em artigos precedentes desta publicação. Fato é que não há – pelo menos, até o momento – cidades construídas nas nuvens, e nem que estejam fora de um padrão geográfico fundamental centrado na existência de elementos essenciais à sobrevivência humana, dos quais o mais importante é a água. Mesmo estando inserida em um cenário original específico – montanha, planície, deserto, vale ou litoral -, porém, a cidade é capaz de constituir todos os demais cenários em si ao longo de seu desenvolvimento. E a prova disso está na gigantesca infra-estrutura que, com maior ou menor velocidade, vai dando suporte à vida humana ao longo do tempo: nela são contemplados o transporte de água, a drenagem das áreas inundadas, as fontes artificiais de calor e a refrigeração, assim como a superação de barreiras geográficas que dificultam a comunicação e o transporte de seus habitantes.

Tomemos um radical exemplo de “ambiente total” constituído em um cenário primitivo especialmente rigoroso: a cidade de Las Vegas (EUA), esta-

belecida em 1905 no deserto de Mohaje, em Nevada, região onde a precipitação anual é de apenas 110 mm (em São Paulo, a média pluviométrica anual é de cerca de 1500 mm). Lá, onde atualmente vivem cerca de 550 mil pessoas (junto com outras 1,5 milhão na área metropolitana)⁴, estão centenas de piscinas, campos de golfe e até uma gigantesca “Veneza” – com balcões shakespearianos e canais navegáveis – construída dentro de um cassino⁵ (Fig. 01)⁶. Mesmo em países menos providos de recursos financeiros – por força disso, porém, mais sujeitos às pressões da natureza -, vale a mesma regra. Entre os exemplos de “ambientes totais” construídos em cenários rigorosos e em condições econômicas menos favoráveis estão, por exemplo, as cidades de Djenné, no Mali⁷ (local de construção de uma das mais belas e originais mesquitas do mundo – Fig. 02)⁸, Yakutsk, na Rússia (na Sibéria, a cerca de 450 km do Círculo Polar Ártico) e Wenzhuan, na China (a mais alta cidade do mundo, construída a 5019 metros acima do nível do mar)⁹.



Fig. 1 - A “falsa Veneza” de Las Vegas: gôndolas em pleno deserto.

⁴ Para dados do Censo dos EUA relativos a Las Vegas, ver <http://quickfacts.census.gov/qfd/states/32/3240000.html> (c. 25.05.10)

⁵ Trata-se do The Venetian – Hotel, Resort & Casino. Site oficial: <http://www.venetian.com> (c. 25.05.10).

⁶ Foto original em <http://www.flickr.com/photos/telwink/3819767246/sizes/o/> (c. 25.05.10)

⁷ Sobre Djenné, ver <http://www.sacredsites.com/africa/mali/djenne.html> (c. 25.05.10)

⁸ Fig. 02: foto de Josep M. Ferrer, disponível em <http://www.flickr.com/photos/perfectdayjosep/3858580366/sizes/o/> (c. 25.05.10)

⁹ Relações cidade-ambiente: Djenné – deserto sujeito ao regime de rios (Niger e Bani); Yakutsk – gelo; Wenzhuan – gelo e altitude.



Fig. 2 - Grande Mesquita de Djenné, no Mali.

Quando nos referimos a “ambientes totais”, vale observar, abrangemos dois aspectos bastante distintos entre si. Toda cidade é, com efeito, um “ambiente total”, uma vez que submete a natureza à sua vontade e garante condições para que seus habitantes vivam mais afastados de um regime existencial determinado pelos ciclos climáticos. Há cidades, porém, que enfrentam ambientes mais inóspitos, e cidades que encontram condições climático-geográficas mais favoráveis.

Algumas cidades, contudo, se apresentam como ambientes ainda mais “totais”, ou “totais” de uma forma diferente. Elas se caracterizam não pela superação de condições ambientais especialmente adversas, mas porque conseguem desafiar e *superar amplamente* os ciclos naturais, implantando seus próprios e complexos ciclos. As metrópoles – as “grandes cidades”, nas palavras de Simmel – se colocam nessa porção do nosso espectro de análise.

Voltemos, porém, a Georg Simmel e à sua percepção da relação entre a psique individual, as instituições e o ambiente. Segundo ele, em juízo expresso em “A Metrópole e a Vida Mental”, as grandes cidades ganharam sua importância atual a partir do século XVIII, quando se fixaram como *loci* de classes burguesas e fabris que já não encontravam lugar em uma tradição centrada no coletivismo, no conhecimento genérico de vários mis-

teres (capaz de garantir auto-suficiência aos indivíduos) e na prevalência da identidade grupal sobre a presença e a discricionariedade individuais¹⁰.

Essas condições anteriores – conectadas, na História e em nosso imaginário, à Idade Média e à Antiguidade – possuem, sem sombra de dúvida, estreitas relações com a natureza e com uma economia fortemente centrada na agricultura. Em termos esquemáticos - e tomando por base os enunciados simmelianos acerca das psiques metropolitana e tradicional -, poderíamos representar essas diferenças da seguinte maneira (Esquema 01):

Perfil Existencial	Características
Metropolitano	<ul style="list-style-type: none"> · Centramento na economia de trocas; · Dependência indireta do ambiente; · Produção industrial; · Produção no próprio local e fora dele; · Ampliação do poder para além dos limites geográficos; · Relações com o mundo; · Observação dos ciclos do mercado.
Tradicional	<ul style="list-style-type: none"> · Centramento na agricultura; · Dependência direta do ambiente; · Produção artesanal; · Produção no próprio local; · Concentração do poder nos limites geográficos; · Autonomia em relação ao mundo; · Observação dos ciclos da natureza.

Esquema 01 – Diferenças entre os perfis existenciais metropolitano e tradicional.

Ao comparar os dados, percebemos que as metrópoles trazem, em si, um elemento novo em relação aos agrupamentos humanos dos regimes tradicionais. Elas não são apenas pólos de produção e consumo – algo que evoca a verticalidade do próprio solo, do brotamento ao mesmo tempo heliotrópico e geotrópico das plantas -, mas pontos de contato onde ideias e bens primários produzidos em um raio geográfico muito mais amplo são engendrados – algo que evoca a horizontalidade da interseção entre o céu e a terra. Tomemos como

¹⁰ “Foi no século XVIII que a necessidade suprema da liberdade encontrou sua consciência mais desenvolvida e seus efeitos mais acentuados, com uma necessidade de se livrar das amarras com as quais a sociedade enquanto tal atou o indivíduo.” (SIMMEL, 2006, p. 91). O conceito é desenvolvido, na mesma obra, no subtítulo O século XVIII – A liberdade do indivíduo (p. 91-93). A esse respeito, Leopoldo Waizbort observa que Simmel se refere ao “moderno” não como um processo cronologicamente estabelecido, mas como algo associado ao desenvolvimento da cultura monetária. Ver WAIZBORT, L., Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida, in *Sociabilidades*, LASC (FFLCH-USP), outubro de 1996, p. 25-30.

exemplo desse “caráter de intersecção” o computador em que este artigo está sendo escrito: montado e adquirido em Curitiba, ele foi produzido com peças produzidas em cidades chinesas e coreanas, com tecnologia desenvolvida em cidades dos Estados Unidos e matérias-primas extraídas de territórios da América, Ásia e África.

As grandes cidades – que poderíamos denominar, ainda, “cidades capitalistas avançadas” -, portanto, não apenas produzem e exportam ideias e bens, mas os compram ou recebem de outras cidades, em um processo contínuo que envolve recepção, consumo, transformação, fusão (exterior-interior) e difusão. Por guardarem relação com outras cidades – e, por conseguinte, com outros cenários climático-geográficos -, também são, portanto, menos dependentes de uma única e caprichosa cena. Podem, evidentemente, até sofrer por conta de condições decorrentes da sazonalidade climática – é o que causa, por exemplo, o aumento no preço de determinados produtos em certas épocas do ano -, mas normalmente oferecem tal gama de bens que as ausências são mais bem suportadas¹¹.

2 OS CICLOS DA METRÓPOLE

Nos parágrafos anteriores, quando rapidamente examinamos as cidades (em especial, as metrópoles) a partir de uma perspectiva simmeliana, pudemos perceber que, nelas, os seres humanos se tornam mais capazes de ganhar distância em relação aos fatores ambientais. Verificamos também que, graças à especialização e às relações capitalistas avançadas, os limites geográficos já não coincidem com o espectro de poder das grandes cidades. Tamanho grau de liberdade possui, evidentemente, um preço. O homem metropolitano médio somente conseguiu “superar” os ciclos climático-geográficos no seu dia-a-dia por abraçar outro regime de ciclos. Na metrópole, os ciclos pertencem ao capital, à tecnologia e às formas de sociação que emergem desses fatores. Com dinheiro suficiente é possível dispor, ainda que minimamente, de água, alimentos, roupas e abrigo ao longo de todo ano. O

¹¹ Não evocamos, no presente contexto, dificuldades oriundas da má gestão dos recursos públicos ou da corrupção. Por princípio, tais fatores, ainda que humanos, não fazem parte da “equação metropolitana” com que nos propusemos a trabalhar (há, evidentemente, cidades mal geridas e corruptas; há também, contudo, cidades que primam pela qualidade de gestão e pela ética de seus governantes). Se eles não contam neste momento, porém, certamente serão elementos importantes quando examinarmos as idiosincrasias da substituição do paradigma “tradicional” pelo “metropolitano”.

alcance do novo regime abrange, mesmo, os fatores ambientais mais diretos e sensoriais: nas grandes cidades o dia é eternizado pelos sistemas de iluminação, o frio e o calor são mitigados eletricamente e até os ciclos biológicos de repouso e alimentação dos indivíduos são conformados para atender às demandas de trabalho, estudo e intersubjetividade.

Antes, em especial entre os grupos humanos originários de ou que vieram a ocupar terras férteis, a vida era pautada, em grande parte, pelos ciclos da natureza - nossos antepassados mais próximos, muitos dos quais viviam no campo, sabiam reconhecer sinais “emitidos” pelo meio-ambiente e até associavam suas crenças religiosas a fenômenos naturais ou às épocas do ano; mesmo entre os grupos originários do deserto, o respeito aos sinais ambientais era essencial – dele dependia, no mais das vezes, a sobrevivência¹². Se lembrarmos de que as primeiras cidades surgiram à beira de rios, teremos uma comprovação dramática de que, nas metrópoles, os homens se desligaram de uma natureza “soberana” e assumiram outro paradigma: em sua grande maioria (em especial, nos países mais pobres), os cursos d’água desses ambientes – os mesmos que, no passado, motivaram e garantiram as primeiras ocupações – foram aterrados, desviados ou transformados em esgotos¹³ (Fig. 3)¹⁴.

As necessidades humanas, evidentemente, continuam a existir. A diferença é que, com a tecnologia e com o modo de pensar burocrático-capitalista, é possível “fletir os elementos”, ainda que com enormes custos econômicos, sociais, ambientais e mesmo lógicos. Poeticamente, poderíamos afirmar que, na cidade, as pessoas perderam a capacidade de vislumbrar as estrelas – e que esse foi o preço simbólico e psíquico pago pela desconstrução de um regime de submissão (mental e material) para a construção de outro.

¹² Uma visão de o quanto esses ciclos eram relevantes até recentemente pode ser obtida da leitura das obras de folcloristas como Câmara Cascudo, que registraram a intensa conexão Homem-natureza no Brasil pré-moderno. Ver, por exemplo, CASCUDO, C., *Tradição, Ciência do Povo*, 1 ed., São Paulo: Perspectiva, 1971, 198 p.

¹³ Entre os exemplos de rios “pioneiros” que foram mortos pela condição metropolitana no Brasil estão o Tietê (São Paulo), o Belém (Curitiba), o Beberibe e o Capibaribe (Recife). Na Índia, a veneração a muitos rios não impediu que eles se colocassem entre os mais poluídos do mundo. Em dezembro de 2009, por exemplo, o Banco Mundial (BIRD) se comprometeu a emprestar US\$ 1 bilhão ao governo indiano para a despoluição do rio Ganges. A esse respeito, ver matéria publicada pela BBC e disponível em http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/8392118.stm (c. 25.05.10).

¹⁴ Imagem original em <http://picasaweb.google.com/lh/photo/JQSnwNYyKIwCyxA73nud4A> (c. 25.05.10)



Fig. 3 - Poluição junto à margem do rio Hooghly, em Kolkata (Calcutá).

Há, sem sombra de dúvida, sérios problemas no novo paradigma. Se, de certa maneira, as populações humanas passaram a se ver livres dos (ou, minimamente, menos afetadas pelos) riscos nascidos da sazonalidade e dos imprevistos da natureza, ela também se associou a uma série de outros riscos, que tem no capital e na própria conduta humana sua origem. Riscos que acabam por determinar, inclusive, graves problemas ambientais, com resultados ainda não de todo mensurados pela ciência. Aparentemente, enfim, a substituição de um paradigma tradicional – limitador da liberdade individual, porém ecologicamente menos lesivo – por outro – garantidor da liberdade individual, mas lesivo ao meio ambiente e à própria intersubjetividade – não se mostrou uma saída das mais interessantes.

Não pregamos, evidentemente, um “Retorno à Arcádia”¹⁵, algo que seria pueril por desconsiderar tanto as vantagens adquiridas na modernidade que seriam perdidas quanto as desvantagens próprias da vida à moda antiga; apenas constatamos que, em seu corte atual, o paradigma capitalista-metropolitano aprofunda as agruras vividas pelos seres humanos. Uma condição que, talvez, possa ser minimizada pela

¹⁵ Proposta tanto das utopias de extrema esquerda quanto das de extrema direita.

elevação dos padrões civilizatórios¹⁶ viabilizada por meio de caminhos como, por exemplo, os da religião e da educação renovadas.

3 A METRÓPOLE E O “DEUS DA GEOGRAFIA”

A redução da importância da natureza cíclica sobre nossa espécie seguramente afetou sua relação com a divindade. Tal fenômeno, evidentemente, não deriva da civilização metropolitana – a sofisticação dos deuses e do discurso metafísico para além do “tremendo e fascinante” manifestado pelos elementos naturais é algo tão antigo quanto o pendore humano à metafísica -, mas tem nela um acelerador que nos parece importante.

A vida nas grandes cidades e a psique metropolitana parecem, com efeito, ter eliminado (ou quase) as últimas conexões simbólico-religiosas que outrora ligavam as pessoas ao meio-ambiente. Já nos referimos à perda de capacidade de observação das estrelas e à “invisibilização” do sol ou da lua em um regime de trabalho definido burocraticamente; se lembrarmos do valor religioso dos astros para as antigas civilizações (Fig. 4)¹⁷, teremos uma dimensão aproximada dessa perda.

Simmel observa mesmo que, na sociedade atual, a visão do dinheiro como um “deus” – ou como *o próprio* Deus - não deve ser desprezada como simples ou exagerada¹⁸. Não há, evidentemente, altares ou edifícios religiosos diretamente erigidos ao “Deus Cifrão”, mas hoje ele parece ocupar porções psíquicas antes reservadas à divindade. Se há algo, afinal, que move de fato a metrópole, que faz a luz se acender, mata a fome, mitiga a sede e protege o corpo do frio, esse algo - mais até, talvez, do que a solidariedade - é o dinheiro.

¹⁶ Nossa referência, no presente texto, ao termo “civilização” tem sua origem em Norbert Elias. Consideramos “civilização”, em termos bastante simplificados, como o processo plasmador da conduta humana que se inicia pelas sanções externas e se consolida pela internalização das regras. Ver ELIAS, N., *O Processo Civilizador* (Volume 1: Uma História dos Costumes), 1 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, 277 p. e _____, *O Processo Civilizador* (Volume 2: Formação do Estado e Civilização), 1 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 307 p.

¹⁷ Fig. 4: imagem extraída do “Codex Florentino”, disp. em <http://picasaweb.google.com/lh/photo/-OucKtn41JH8zWKDebLcmA> (c. 31.05.10)

¹⁸ “(...) O psicólogo não deve negligenciar aquela queixa comum que acusa o dinheiro por ser o deus da nossa época”. SIMMEL, G., *O Dinheiro na Cultura Moderna*, in: SOUZA, J. e ÖELZE, B., 1998. *Simmel e a modernidade*, Brasília: UnB., p. 79-108.



Fig. 4 - Sacrifício humano asteca so deus Sol, *Codex Florentino* (séc. XVI).

Dinheiro que, por sua condição de elemento fundamental de mensuração-redução¹⁹, assume um caráter de onipresença; que, por sua capacidade de acionar os ciclos da metrópole, torna-se onipotente; e que, ao engendrar tudo isso e ganhar independência em relação a seus criadores – algo que Simmel denomina “tragédia da cultura”²⁰ – assume uma estranha e assustadora condição de onisciência.

Dinheiro que, enfim, se assemelha a um deus caprichoso, misterioso, que sorri para alguns e se oculta de muitos, que arregimenta uma multidão de de-

¹⁹ Tudo se mede pelo dinheiro; nas trocas, os bens são primeiramente convertidos em dinheiro.

²⁰ “A tragédia da cultura é essa transformação descontrolada e desintegradora dos meios em fins: o homem, verdadeiro fim, torna-se meio; o objeto, o verdadeiro meio, um fim em si mesmo, ao qual os homens acabam por se submeter. (...) Simmel afirma que o homem converte-se em um mero ‘suporte’ da coação dos objetos, e não propriamente um sujeito.” (WALZBORT, 2000, p. 128)

votos e estabelece até mesmo um “clero” capaz de promover grandes conquistas materiais e tragédias humanas igualmente significativas. Que faz o Homem levantar da cama todos os dias, labutar e retornar à casa, contrariado ou feliz.

4 METRÓPOLE, DIVERSIDADE HUMANA E OFERTA RELIGIOSA

Nos itens anteriores, observamos como a configuração da vida na metrópole foi capaz de substituir um regime de vida baseado nos ciclos da natureza (de base extrativista ou agropastoril) por outro, centrado em ciclos engendrados pelos próprios indivíduos (de base capitalista, industrial e tecnológica). Essa aparente “tomada de controle” da situação teve como uma de suas consequências a atração de multidões para as grandes cidades. Não apenas populações locais e vizinhas, mas indivíduos de paragens distantes, igualmente afetados pelo capitalismo, pela tecnologia e pela esperança de uma vida mais confortável e menos sujeita a riscos.

Nas grandes cidades, em especial naquelas situadas nas antigas sedes coloniais (como Inglaterra e França) e em países de estabelecimento recente (caso dos Estados Unidos e do Brasil), tivemos, nos últimos duzentos anos, um cruzamento de povos oriundos do deserto, das regiões costeiras, das planícies ou vales férteis e das montanhas. Povos que trouxeram seus universos simbólicos, idiomas, tradições gastronômicas e, evidentemente, sistemas de crenças religiosas. E que determinaram o cruzamento entre as desérticas religiões do Livro, o imanentismo budista e hindu, as complexas religiões de matriz africana, as religiões chinesas e as religiões tribais. Algumas vezes, efetivamente, esses cruzamentos foram tensos, mas não a ponto de desafiar o paradigma capitalista metropolitano.

Se a múltipla presença religiosa em um mesmo cenário não estabeleceu, necessariamente, uma “múltipla pertença religiosa” ou uma “religião universal”, pelo menos ofereceu aos indivíduos uma enorme gama de possibilidades de escolha e afiliação. Ofereceu, também, uma possibilidade de reflexão e crescimento para a tolerância – algo que, no contexto metropolitano, parece mais lógico e aceitável do que a intolerância e o fundamentalismo, que certamente afetam as relações capitalistas.

A grande questão, a partir dessa constatação, é a evocada pela comparação entre os diferentes sistemas de crenças religiosas encontrados nas metrópoles e o próprio capitalismo: seriam eles capazes de regular, de alguma forma, as

paixões do “deus Dinheiro” e configurar uma síntese ciclo-ambiental-religiosa capaz de implantar um regime social mais solidário?

É difícil, evidentemente, fornecer uma resposta, mesmo porque temos indicativos que apontam para direções opostas. Por um lado, ainda vemos muitas pessoas pautando suas vidas por uma ética pessoal e por princípios civilizatórios regulados por valores difundidos pelas religiões, assim como grupos religiosos efetivamente preocupados com os seres humanos em seu bem-estar material e espiritual. Por outro lado, porém, vemos religiões moldarem a si próprias por variáveis capitalistas-metropolitanas como o monetarismo, o pragmatismo, a velocidade e a tendência ao espetáculo, assim como pela reserva e repulsa ao que é diverso a seus ditames. Religiões que, como era de se esperar – uma vez que “navegam a favor do vento” - fazem imenso sucesso no seio da própria metrópole.

Diante de uma resposta tão pouco satisfatória, optamos por buscar as opiniões de intelectuais que se debruçaram sobre o futuro das religiões em um contexto como é o da metrópole. A primeira delas, ampla e de corte positivo (e também poética e inspiradora), é de Teillhard de Chardin, para quem os fatos que vivenciamos hoje, ainda que não desprovidos de riscos, são parte de um processo complexo de amadurecimento que acabará por redundar em uma espécie de “superorganismo” cuja consciência será muito superior à nossa:

Sobre esse ponto, eu não poderia evidentemente formar o assentimento de ninguém. Mas, ao menos posso dizer, por experiência própria, que aceitar essa perspectiva orgânica e realista do fenômeno social é eminentemente bom para a inteligência e revigorantes para a vontade. (TEILLHARD DE CHARDIN, 2006, p. 35)²¹

A rede, cada vez mais cerrada ao nosso redor, das ligações econômicas e psíquicas que nos afetam, a necessidade crescente de agir, de produzir, de pensar solidariamente que nos inquieta; acaso não seriam, efetivamente olhadas sob esse novo ângulo, os primeiros lineamentos do superorganismo que, tecido com o fio dos nossos indivíduos, se prepara (a teoria e mesmo os fatos concordam sobre esse ponto) não para nos mecanizar e confundir mas para nos levar, no interior de uma maior complexidade, a uma consciência mais elevada de nossa personalidade? (TEILLHARD DE CHARDIN, 2006, p. 36)

Ao apontar o nascimento do “superorganismo”, Chardin também alude a uma superconsciência (que ele denomina “Noosfera”, termo derivado do grego “noos” [“vovç”], “mente”, e de “esfera”) e também a uma super-religião - ou,

²¹ TEILLHARD DE CHARDIN, P. *Em Outras Palavras*, 1 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, 265 p.

talvez em termos mais exatos, à vivência coletiva de uma experiência religiosa de ordem máxima, não necessariamente institucionalizada:

Uma metamorfose ulterior; a última, não estaria em andamento, desde o nascimento cristão do amor: a tomada de consciência de um “Ômega” no coração da Noosfera – a passagem dos círculos ao centro comum: o surgimento da “Teosfera”?...

Sonho, direção, e fantasmagoria. Mas que se coaduna singularmente com a marcha das coisas. (TEILLHARD DE CHARDIN, 2006, p. 56)

Chardin, vale observar, é um pensador cristão profundamente arraigado em suas crenças. Que se utiliza dos catalisadores simbólicos dessa religião, mas que se refere às possibilidades de uma emergência que não abarca apenas os seguidores da doutrina crística. Ele se refere, enfim, a uma *Nova Humanitas* nascida da fusão de paradigmas, que há de se configurar plenamente desde que seus elementos se mantenham eivados de um querer profundo – que, para nós, se assemelha ao *élan vital* bergsoniano –, nascido do amor e da reflexividade.

Paul Knitter, a seu tempo, afasta sua análise de um corte temporal-objetual mais amplo²² e assume uma argumentação pautada no momento presente e no escopo das próprias religiões: *Diz-se que em nossa época, as pessoas religiosas devem ser religiosas numa forma inter-religiosa. Para trilhar seu próprio caminho de fé, precisamos caminhar com pessoas de diferentes caminhos* (KNITTER, 2002: XI). A mesma linha – centrada no que poderíamos denominar “mútuo suporte religioso” – é seguida por Bede Griffiths, para quem *“além de ser cristão, eu preciso ser um hindu, um budista, jainista, zoroastrista, sikh, muçulmano e judeu. Só assim poderei conhecer a Verdade e encontrar o ponto de reconciliação em todas as religiões”* (GRIFFITHS, 1992, p. 83). Raimon Panikkar reforça esse argumento, colocando-o sob a forma de uma jornada: *“Eu ‘parti’ como cristão, ‘encontrei a mim mesmo’ como hindu, e ‘retornei’ como budista, sem nunca ter deixado de ser cristão”* (PANNIKAR, apud KNITTER, 2002, p. 126).

É possível fazer dois apontamentos a partir das reflexões dos três autores referidos no parágrafo anterior. Inicialmente, percebe-se que, para se colocar como alternativa ao regime cíclico capitalista-metropolitano, nenhuma tradição religiosa poderá se manter isolada. Diante do “ultracênario” das grandes cidades, o *corpus* religioso – seja ele oriundo do deserto ou da montanha, do vale fértil ou da savana – deverá aprender, com seus congêneres, as lições extraídas

²² O próprio Teilhard de Chardin (*Em Outras Palavras*, 1 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, p. 40) observa que sua análise se refere a um período de tempo enorme.

essencialmente dos demais cenários originais, e estar aberto a emprestar seus próprios conteúdos. Só assim será capaz de oferecer uma alternativa de corte espiritual – usamos o termo “espiritual”, aqui, não em sua acepção religiosa, mas em sua acepção simmeliana-bergsoniana de capacidade de subjetivação e de realização da “dialética da cultura”²³ – realmente capaz de fazer frente ao apelo reificante do capitalismo.

O segundo apontamento diz respeito à “descoberta na descoberta”, isto é, à percepção de que as religiões, tomadas individualmente, ganham força – simbólica, institucional e moral – quando se abrem à pluralidade do conteúdo religioso.

A pergunta lógica, neste ponto da leitura, diz respeito ao fato desse encaminhamento estar sendo, ou não, levado a termo. Mais uma vez, respondemos com uma interrogação: há, evidentemente, aproximações auspiciosas entre grupos religiosos²⁴ e destes com os cientistas; ao mesmo tempo, porém, verificamos o recrudescimento do fundamentalismo religioso, do fanatismo e da intolerância no seio de praticamente todas as religiões, assim como o uso de excusas civilizatórias e religiosas para intervenções claramente calcadas em interesses do capital.

O que extrair desse paradoxo? Certamente muitas coisas, a começar pelo papel que os indivíduos podem assumir diante do discurso, da conduta política e das respostas de suas próprias religiões institucionalizadas. Em um período em que a Sociologia encara o fenômeno da plurissubjetividade (ou seja, o fato de que os indivíduos não são apenas “crentes”, “profissionais” ou “integrantes de classe”, mas gerentes dessas e outras posições)²⁵ e a emergência de um novo tipo de poder civil – individual, mas capaz de arregimentar outras pessoas rapidamente - esse poder não pode ser desprezado.

²³ A dialética da cultura se opõe, em Simmel, à tragédia da cultura. Enquanto nesta os seres humanos se vêem forçados a criar um número cada vez maior de objetos culturais que se tornam independentes e perdem sua função, naquela eles conseguem estabelecer um ciclo de subjetivações-objetivações no qual os objetos cumprem os papéis a que se destinam. Nos termos da dialética da cultura, o dinheiro, por exemplo, cumpriria apenas e tão somente seu mister original, o de ser um facilitador de trocas.

²⁴ Como os relativos ao Budismo face às outras religiões, apontados por Frank Usarski em *O Budismo e as Outras*, 1 ed., Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2009, p. 165-211.

²⁵ A respeito da questão da plurissubjetividade, ver, por exemplo, CORCUFF, P., *As Novas Sociologias: construções da realidade social*, 1 ed., Bauru: EDUSC, 205 p., 2001, p. 153-183 (Os Indivíduos Plurais).

CONCLUSÃO

Neste artigo, buscamos analisar de maneira sucinta o contexto da Geografia da Religião em um mundo caracterizado pela vida nas grandes cidades. Baseados no filtro teórico do fundador da chamada Sociologia Formal, Georg Simmel, observamos que, no cenário metropolitano, os ciclos da natureza – e a própria geografia – deram lugar, como elementos paradigmáticos, aos ditames do capital e da psique metropolitana, caracterizada pelo pragmatismo, especialização, individualismo, dependência, reserva, repulsa, mensuração econômica, economia de pensamentos e estricção mental.

Percebemos, também, que nesse cenário as religiões se encontram em uma situação *sui generis*, pois, mesmo oriundas de diferentes lugares geográficos, são atraídas por diásporas e migrações e se vêem obrigadas a militar em um “ambiente total” capaz de albergá-las e também de impor desafios e elementos de sedução. Religiões que, evidentemente, não encontram e não vão reencontrar as referências ambientais que, em um passado remoto, as plasmaram.

Em nossos dias, no “mundo-metrópole”, não há tradição religiosa que consiga perceber a si própria e se manter como nos “velhos tempos”. Se, por um lado, a existência de outros sistemas de crenças leva a uma necessária auto-observação, por outro os problemas metropolitanos mostram que não há religião capaz de dar conta, com base unicamente em seu próprio cânone, das muitas questões pendentes. A própria aproximação entre indivíduos de diferentes religiões (por meio de casamentos, atividades formativas, profissionais etc.) é um importante fator “fusional” que parece estar determinando, aos poucos, algo próximo de uma única doutrina.

Ao fazer referência a alguns autores que trataram do presente e do futuro das religiões, concluímos que apenas a partir do diálogo realmente interessado – e, quiçá, com o desenvolvimento de uma “religião total” que não se configure necessariamente à parte, mas que esteja no cerne das religiões conhecidas – talvez seja possível encontrar fundamentos ético-civilizatórios que corrijam o atual paradigma metropolitano ou ajudem a encontrar um novo caminho para a humanidade.

A questão também se reveste de especial importância, observamos, não apenas diante das perspectivas tecnológicas de um futuro distante, que aceitam os seres humanos cruzando o espaço por gerações em astronaves ou, então, colonizando planetas onde o céu seja verde ou púrpura, mas diante das perspec-

tivas ambientais do futuro próximo – momento em que, em virtude de nossas própria praxis capitalista e predatória, seremos forçados a encarar a renovada fúria (divina ou não) dos elementos. Futuro que, aliás, já começou.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, C. *Tradição, Ciência do Povo*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1971, 198 p.
- CODEX FLORENTINO, imagem disponível em: [http://picasaweb.google.com/lh/photo/-OucKtn41JH8zWKDebLcmA_\(c. 31.05.10\)](http://picasaweb.google.com/lh/photo/-OucKtn41JH8zWKDebLcmA_(c.31.05.10))
- CORCUFF, P. *As Novas Sociologias: construções da realidade social*. Bauru: EDUSC, 2001. 205 p.
- DJENNÉ, informações disponíveis em: <http://www.sacredsites.com/africa/mali/djenn.html> (c. 25.05.10)
- _____, Grande Mesquita, foto de Josep M. Ferrer, disponível em <http://www.flickr.com/photos/perfectdayjosep/3858580366/sizes/o/> (c. 25.05.10)
- ELIADE, M. *O Mito do Eterno Retorno*. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 1999, 176 p.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, 277 p. (Volume 1: Uma História dos Costumes)
- _____. *O Processo Civilizador*. 1 ed. Rio de Janeiro: J Zahar Editor, 1993, 307 p. (Volume 2: Formação do Estado e Civilização),
- GRIFFITHS, B. *Retorno ao centro, o conhecimento da Verdade – o ponto de reconciliação de todas as religiões*. 1 ed. São Paulo: IBRASA, 1992.
- HOOGLY, Rio indiano, imagem disponível em: [http://picasaweb.google.com/lh/photo/JQSnwNYyKIwCyxA73nud4A_\(c. 25.05.10\)](http://picasaweb.google.com/lh/photo/JQSnwNYyKIwCyxA73nud4A_(c.25.05.10))
- KNITTER, P. *Introducing Theologies of Religions*. Nova Iorque: Orbis Books, Maryknoll, 2002.
- LAS VEGAS, estatísticas oficiais em: <http://quickfacts.census.gov/qfd/states/32/3240000.html> (c. 25.05.10)
- SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, O. (Org.), *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro. n.d.: Zahar Editores, 1967, p. 13-28. Também disponível em tradução de Leopoldo Waizbort com o título *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*, in *Mana – Estudos de Antropologia Social*, vol.11, n.2, 2005, p. 577-591.
- _____. O Conceito e a Tragédia da Cultura. In: SOUZA, J. e ÖELZE, B., *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB., 1998, p. 79-108.

_____. *Philosophie de L'Argent*. 1 ed., Paris: Presses Universitaires de France, 1987. 662 p.

_____. O Dinheiro na Cultura Moderna. In: SOUZA, J. e ÖELZE, B. 1998. *Simmel e a modernidad.*, Brasília: UnB., 1998, p. 79-108

TEILHARD DE CHARDIN, P. *Em Outras Palavras*. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. 265 p.

THE VENETIAN - Hotel, Resort & Cassino construído em Las Vegas. Site oficial: <http://www.venetian.com> (c. 25.05.10).

USARSKI, F. *O Budismo e as Outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. 1 ed. Aparecida, SP: : Ideias & Letras, 2009. 304 p.

VENEZA de Las Vegas, foto original em <http://www.flickr.com/photos/te-lwink/3819767246/sizes/o/> (c. 25.05.10)

WAIZBORT, L. Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida. In: *Sociabilidades*, LASC (FFLCH-USP), outubro de 1996, p. 25-30.

WORLD BANK loans India \$1bn for Ganges river clean up, material disponível em http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/8392118.stm (c. 25.05.10).

Recebido e aprovado em 03/06/2010